

Mulher 24 HORAS

Informativo do Sindicato dos Bancários/ES - Presidente: Carlos Pereira de Araújo - Diretor de Imprensa: Idelmar Casagrande - Editores: Sueli de Freitas - MTb 537/92 e Ronaldo Cassundé MTb 932/00 - Diagramação: Jorge Luiz - MTb 041/96 - nº 82 - Setembro 2007 - E-mail: mulher24horas@bancarios-es.org.br

Mulher

Você que busca no dia-a-dia sua independência, sua liberdade, sua identidade própria.

Você que luta profissional e emocionalmente para ser valorizada e compreendida.

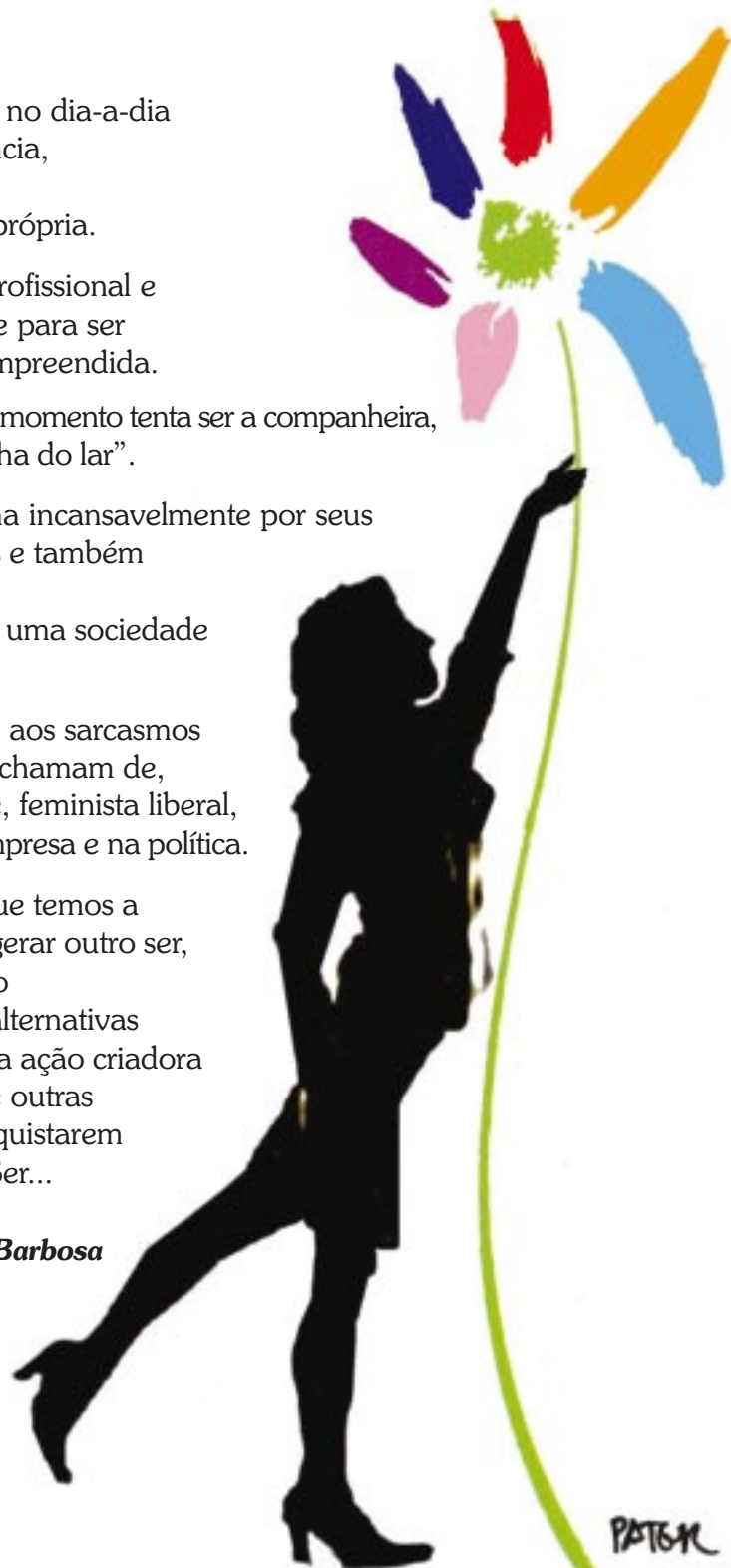
Você que a cada momento tenta ser a companheira, a amiga, a "rainha do lar".

Você que batalha incansavelmente por seus próprios direitos e também por um mundo mais justo e por uma sociedade sem violências.

Você que resiste aos sarcasmos daqueles que a chamam de, pejorativamente, feminista liberal, na escola, na empresa e na política.

Você, eu, nós que temos a capacidade de gerar outro ser, temos também o dever de gerar alternativas para que a nossa ação criadora realmente ajude outras mulheres a conquistarem a liberdade de Ser...

Ilsa da Luz Barbosa



Mulheres na Campanha Salarial

Está em curso mais uma Campanha Salarial da categoria bancária. A mobilização feminina é de fundamental importância para que os direitos específicos das mulheres sejam assegurados, juntamente com as demais reivindicações.

As mulheres sempre encontraram muitas barreiras no mercado de trabalho. No setor financeiro, elas foram incorporadas aos poucos. Inicialmente, eram contratadas como datilógrafas ou escriturárias, para exercerem trabalhos mais rotineiros. No Banco do Brasil, por exemplo, o ingresso de mulheres só teve início em 1971.

Com o aumento na exigência da qualificação e do nível de escolaridade, as mulheres passaram a ocupar mais espaços nos bancos. No entanto, essa participação ficou reduzida a um papel secundário, em postos intermediários, nos quais predominam a venda de produtos. A ascensão aos cargos de maior remuneração e importância hierárquica ainda é limitada.

A participação feminina nas mobilizações sindicais é determinante para a manutenção e ampliação dos direitos das mulheres. Nos últimos anos, várias campanhas foram realizadas pelas bancárias: sindicalização, igualdade de oportunidades, prevenção e combate ao assédio sexual e ao assédio moral no trabalho e relações compartilhadas. Todas essas bandeiras estão sendo reafirmadas na Campanha 2007, como forma de fortalecer a luta por igualdade de direitos.

VEJA NESTA EDIÇÃO

Funcionária do BB fala sobre sua trajetória no banco e seu adoecimento

3

Bancárias apresentam suas reivindicações na Campanha Salarial 2007

4

Quando o trabalho adoece

A participação das mulheres no mercado de trabalho tem sido cada vez mais expressiva. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, em 2006 elas somavam 42,6 milhões, representando 43,7% da população economicamente ativa. O ingresso no mundo do trabalho fora de casa é uma conquista que carrega consigo o ônus da dupla jornada. E apesar de mais ativa e com escolaridade superior à dos homens, a mulher continua ganhando menos: 65,6% do rendimento dos homens, em 2006. No setor bancário, as mulheres vivem outro desafio: as características da organização do trabalho são fatores de risco à sua saúde.

Bradesco raramente se aposenta, quando tem mais de vinte anos é mandado embora. Essa gerente geral dizia que não mandava embora, fazia com que a pessoa saísse”, lembra ela. Na avaliação de Lúcia essa situação era cômoda para o banco. “Nós, da agência, ligamos para o gerente regional dizendo que não havia condições de continuar sob o comando dela. A gerência regional mandou uma psicóloga conversar com a gente, mas não tomou nenhuma providência. Cheguei a dizer a ela: se pensa que vou pedir demissão você está muito enganada. Comecei a passar mal e numa segunda crise nervosa ela me mandou embora”, revela. “Foi um período difícil, humilhante. Tinha uma carteira de clientes formada, era o momento de ser valorizada pelo banco, mas não foi isso que aconteceu”.

Na avaliação de Lúcia, o maior problema para enfrentar o assédio moral é a dificuldade de conseguir provas. “Os colegas que continuam no banco não podem se expor”, afirma, lembrando que uma colega chegou a ser internada com pressão alta em função das metas que tinha que atingir.

Após sua saída do Bradesco, Lúcia recebeu um convite de outro banco. “Quando chegou o dia da entrevista, cancelei porque não tinha condições psicológicas de trabalhar”, afirma. Hoje, dois anos depois, ela ainda faz terapia e toma antidepressivos.



Fotos: Sérgio Cardoso

Evaniilde: “Entrava às 14 horas e por muitas vezes trabalhava até meia-noite, sempre na máquina de somar”

A técnica bancária do Baneses Evaniilde Mageski, de 45 anos, precisou se afastar por três vezes do banco em seus 19 anos de trabalho. A sua última licença teve início em dezembro do ano passado. Seu laudo comprova a relação da doença – síndrome do impacto (LER/DORT) – com o trabalho. “Quando eu adoecei trabalhava na Cense (Central de Serviços), separando documentos e fechando caixas. Entrava às 14 horas e por muitas vezes trabalhava até meia-noite, sempre na máquina de somar. Tinha que deixar tudo pronto para o dia seguinte. Só parei de fazer horas extras quando engravidei”, conta ela. Essa sobrecarga de trabalho a levou ao adoecimento. “A pressão que a gente vive é muito grande”, afirma.

O trabalho também adoeceu a ex-bancária do Bradesco Lúcia Helena Muzy Correia, 43 anos, após 21 anos dedicados ao banco. No seu caso, a tortura era psi-

cológica e vinha da parte da gerente geral que já chegou ao Espírito Santo com fama de ser uma pessoa “difícil”. Vítima de assédio moral, Lúcia chegou a ser humilhada na frente de clientes.

“Pensei diversas vezes em pedir demissão. Por muitas vezes meu marido foi me buscar no trabalho porque não tinha condições de dirigir. Ela me perseguia. Nas reuniões, não me deixava falar. Cliente meu que precisasse de crédito penava para conseguir”, conta.

A perseguição, acredita Lúcia, tinha o objetivo de forçar um pedido de demissão. “Bancário do

Lúcia: “Foi um período difícil, humilhante. Tinha uma carteira de clientes formada, era o momento de ser valorizada, mas isso não aconteceu”





“Eu morri por dois anos”

Formada em Jornalismo e bancária do Banco do Brasil há sete anos, Rosane Almeida Oliveira acumula experiências como poucos. Aos 26 anos, ela já enfrentou discriminação, assédio e depressão por causa do trabalho. Hoje, atuando no posto do BB da Polícia Federal, em Vila Velha, ela tem claro o limite entre a dedicação ao trabalho e a preservação da qualidade de vida.

Como começou sua história no BB?

Entrei no banco em março de 2000, trabalhei dois anos em Jequié, na Bahia. Lá era bem mais puxado. Não havia ponto eletrônico nessa época. No primeiro dia de trabalho eu cheguei às 7 da manhã e saí às 7 da noite, sem almoçar. Eu fui adoecendo no auto-atendimento. A discriminação, eu também senti logo. Um rapaz que chegou ao banco seis meses depois de mim foi rapidinho para o atendimento. Quando eu fui perguntar por que deram a vaga a uma pessoa que tinha entrado no banco depois de mim, o gerente me falou que mulher nova é vitrine da agência, tem que ficar do lado de fora para chamar a atenção dos clientes.

O fato de ser considerada vitrine te incomodou?

Muito. Já havia um certo preconceito por eu ser nova, entrei logo após fazer dezoito anos. Eu cheguei na agência, me colocaram no auto-atendimento e disseram: você tem que sorrir o tempo inteiro, dar bom dia, não importa o que o cliente fale. Uma vez disse que não agüentava mais um rapaz que estava fazendo piadinhas no auto-atendimento. O gerente virou pra mim e disse: aproveita e vende um Ourocap. Eu comecei a ficar com raiva de toda aquela situação e fui entrando em depressão.

Você teve reconhecida a relação da doença com o trabalho?

Eu tenho laudo de um psiquiatra, especialista em doença do trabalho, dizendo que a doença foi ocasionada pelo trabalho no

banco. Só que o banco não reconheceu e eu fiquei dois anos afastada por doença comum.

Como foi esse período?

Eu morri por dois anos. Emagreci doze quilos. Tentei me matar três vezes. Além disso, eu sentia a desconfiança das pessoas. Ligavam-me da agência para saber se eu estava em casa ou na rua me divertindo. Apenas um colega ligava para saber como eu estava. Eu ouvia algumas brincadeiras do tipo “as férias estão longas”. A situação já era ruim e eu me sentia ainda pior. O INSS também é uma fábrica de maluco — eles tem o poder de derrubar a gente. O ortopedista que me atendia, pois não havia psiquiatra, não entendia nada do que eu sentia, gritava dizendo que eu não estava trabalhando porque não queria. E eu queria me sentir útil. Quem decidiu voltar para o banco fui eu. Ainda tinha três meses de licença, mas pedi para voltar.

Como é ser bancária do BB?

Eu tive uma experiência ruim no início. Depois que eu vim para cá (Espírito Santo) mudei a minha concepção de Banco do Brasil e de ser mulher no BB. Minha agência (Glória) é basicamente formada por mulheres. Mudou a visão de banco que eu tinha.

Como era até então?

Eu tive todos esses problemas e comecei a ficar doente. Eu via o banco como bicho-papão. No período da doença, eu não conseguia passar em frente à agência, atravessava a rua. Quando voltei ao trabalho fui recebida pelos colegas daqui (Vila Velha)

muito bem. A adaptação foi fácil. Eu gostei da recepção. Hoje eu vejo o banco com mais alegria, pelos meus colegas, não pelas coisas que o BB vem fazendo.

Você entrou no banco em 2000 e tem menos direitos que outros funcionários. Como você se sente?

Quando eu entrei, me senti discriminada. Eu via pessoas exercendo a mesma função que eu e tendo direito a coisas que eu não tinha. Mas o banco foi muito inteligente, fez com que essas pessoas mais antigas sássem e estão entrando mais pessoas sem direitos. Houve uma precarização do trabalho bancário. Hoje a pessoa entra no banco para ter um mínimo de estabilidade e para estudar para outro concurso. Antes você entrava no banco para fazer carreira e se aposentar, era uma empresa que merecia o trabalho de uma vida inteira.

Como avalia a reestruturação do BB?

Para mim essa reestruturação é sinônimo de privatização. A direção do BB deixou bem claro que a reestruturação está sendo feita nos moldes dos bancos privados. Eu via o Banco do Brasil como uma instituição prestadora de serviços à população. Agora é um banco que vende produtos, igual ao Bradesco. A direção do banco não quer cliente que ganhe menos de R\$ 2 mil dentro da agência. Até eu, que sou funcionária terei que ficar lá fora, pois eu ganho menos.

Você é delegada sindical. Como é ser mulher militante?

Eu gostaria de estar mais presente do que posso no trabalho sindical. Eu não me incomodo de fazer greve. Fico triste em ter que brigar com meus colegas para que eles fiquem do lado de fora. Eu aceito que aconteça isso com o bancário do Bradesco, porque se fizer greve ele será demitido. Mas eu ter que ir às 5 horas da manhã para a porta do BB porque meu colega vai querer entrar é uma coisa muito sem lógica.

Qual é o limite entre o trabalho e a qualidade de vida?

A qualidade de vida depende de você estar bem no trabalho. Acho que isso hoje falta ao funcionário do Banco do Brasil. Aquele funcionário antigo que falava do banco com brilho nos olhos não existe mais. Hoje você é tão exigida, existem aquelas metas malucas. Qualidade de vida é eu trabalhar bem, sorrindo para todo mundo, não por obrigação, mas porque eu me sinto bem no trabalho.

Bancárias apresentam suas reivindicações aos banqueiros

Reajuste do auxílio-creche/babá e do auxílio para portadores de necessidades especiais para R\$ 380,00; concessão de auxílio para filhos em idade escolar no valor de R\$ 490,00; proteção à empregada gestante; horário especial para amamentação até os dez meses de idade dos filhos das bancárias; estabilidade no emprego para a gestante até um ano após o término da licença-maternidade; estabilidade de 120 dias para a bancária que sofrer aborto (hoje são 60 dias) e de um ano em caso de adoção de crianças; promoção da igualdade de oportunidades, equalização das possibilidades de ascensão profissional para mulheres, com definição de metas de gênero e raça para cursos e treinamentos, manutenção da mesa temática sobre igualdade de oportunidades e combate ao assédio sexual. Essas são algumas reivindicações das bancárias na Campanha Salarial 2007.

“Apesar de não serem todas demandas específicas das mulheres, na sociedade machista ainda são dadas à mulher as responsabilidades sobre questões de saúde e educação dos filhos”, afirma a diretora do Sindicato Ângela Barone. Ela ressalta que a chamada pauta das mulheres precisa se tornar uma das prioridades na mesa de negociações da categoria com os bancos.

Plano Nacional de Políticas para as Mulheres é revisto

Cláudia Ferreira

Na II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, que aconteceu em Brasília, de 17 a 21 de agosto, foi aprovada a incorporação de cinco novos eixos para o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Na avaliação da ministra Nilcéa Freire (foto), da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Governo Federal, o sucesso do plano depende do desdobramento das ações nos estados e municípios. Confira a entrevista concedida ao Mulher 24 Horas:

A partir dessa II Conferência, qual passa a ser o foco do Plano?

O plano mantém os eixos anteriores (educação, trabalho e cidadania, saúde e violência contra as mulheres) e acrescenta outros temas como meio ambiente e sustentabilidade e a temática da cultura, da comunicação e da mídia como instrumentos importantes para a cons-



Nilcéa: são necessárias versões estaduais do plano

trução da igualdade e também o enfrentamento ao racismo, lesbofobia e todas as formas de discriminação. Uma questão muito evidenciada na II Conferência, e também no seu processo de preparação, nas etapas municipais e estaduais, é a necessidade de que os governos estaduais e municipais se apropriem mais do plano nacional e façam suas versões estaduais.

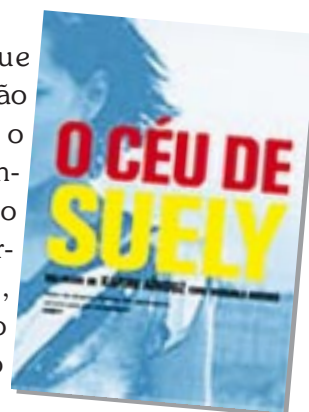
Qual o balanço da aplicação do primeiro plano?

Bastante positivo. No entanto, o alcance depende muito das ações dos governos estaduais e municipais. Essa é a virada que nós temos que dar agora com o plano revisto.

Mulher CULT.

A nossa dica do mês é o filme “O Céu de Suely”, segunda obra do diretor cearense Karim Aïnouz, que fez também Madame Satã. O longa conta a história de Hermila, uma

mulher que volta de São Paulo com o filho recém-nascido para sua terra natal, Iguatu, no interior do Ceará.



Mulheres antenadas



Envie suas sugestões, poesias e comentários para o **Mulher24Horas** pelo e-mail mulher24horas@bancarios-es.org.br ou pelo telefone 3331-9999 - ramal 203
End: rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - CEP 29016-340